

A morte continua rondando berçários

Tragédia de Roraima se repete no Hospital Geral de Fortaleza, onde 10 bebês morreram em 25 dias em consequência da superlotação

Fortaleza — Dez bebês morreram nos últimos 25 dias no Centro de Neonatologia do Hospital Geral de Fortaleza (HGF) por causa de superlotação. “Novas mortes seguramente vão ocorrer se o governo do Ceará não adotar providências urgentes”, alertou ontem a chefe da unidade, Tereza Lucia Maia. “Estamos sem as mínimas condições para atender as pacientes que chegam aqui quase a todo instante para dar à luz”, desabafa a médica. Ela teme a repetição do que houve na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, que registrou 66 óbitos em novembro.

Na Obstetrícia do hospital faltam médicos, medicamentos, equipamentos, pessoal de apoio e até material de higiene e limpeza, diz a médica. “Estamos com mães no pré-parto deitadas em colchões espalhados pelo chão, correndo risco de infecção por falta de condições de atendimento.”

Toda essa situação é consequência das medidas restritivas de atendimento na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, segundo a médica. O HGF dispõe de 14 leitos para recém-nascidos divididos entre UTI, sala de prematuros e leitos de médio risco. A UTI, por exemplo, com capacidade para acomodar quatro bebês, permaneceu durante todo este mês “com, no mínimo, seis crianças”.

As salas de médio risco e de prematuros, com capacidade de cinco leitos cada uma, abrigam de oito a dez bebês. “Hoje, por exemplo, ocorreu mais um óbito porque um

dos bebês de risco necessitava de um respirador e não tínhamos, apesar de improvisarmos um manual. Foi tarde”, lamentou.

SURTO INFECCIOSO

Para o diretor do hospital, Silvio Furtado, a situação é “aflictiva” porque, com as restrições impostas para internamento de risco na Maternidade Assis Chateaubriand, muitas mães são encaminhadas para o HGF. “Muitas vezes somos forçados a dedicar uma maior atenção para as mães, a fim de evitarmos sua morte”, comentou.

As estatísticas começam a preocupar. “Em novembro fizemos 155 partos, dos quais 39 bebês ficaram internados e só com três óbitos”. Em dezembro, o quadro mudou: de 1º a 25 foram feitos 141 partos, com 42 internamentos e dez óbitos”, informou Veras. Isso representa uma elevação da taxa de letalidade para 25,71%, contra apenas 7,69% em novembro.

Segundo a médica Dilma Veras, que ontem respondia pelo Centro de Neonatologia, o maior temor é com o surto infeccioso.

O secretário de Saúde do Ceará, Anastácio Queiroz, responsabiliza os hospitais conveniados do SUS pela situação crítica no atendimento a parturientes no HGF. “Os hospitais conveniados, que disponibilizaram leitos para atender parturientes de médio risco, não cumpriram o acordo pré-estabelecido em função da crise registrada no mês passado na maternidade-escola Assis Chateaubriand”.

José Leonor/ O POVO



Bebê na UTI do hospital de Fortaleza: sem equipamentos e material de limpeza

MEMÓRIA

Maus exemplos

Fortaleza não aprendeu a lição de Boa Vista. Nas duas cidades, a mesma tragédia: Dezenas de recém-nascidos mortos por conta de infecção hospitalar contraída em maternidades públicas.

Na capital cearense, só em novembro morreram 66 bebês na maternidade-escola Assis Chateaubriand. Este mês já morreram, na maternidade do Hospital Geral de Fortaleza, 10 bebês. Mas antes do Ceará, Roraima assustou o País com a mesma tragédia.

Só na maternidade Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Vista, capital de Roraima, morreram 33 bebês nos primeiros 23 dias de novembro. A maternidade é a única gratuita de todo o estado e faz cerca de 600 partos por mês.

A infecção se espalhou pelo hospital no período eleitoral, quando a maternidade ficou superlotada e serviu para distribuir favores políticos na forma de pequenas cirurgias, curetagens e coisas do gênero.